



FOTO: CICERO RODRIGUES

Não podemos nos iludir. Não existe ciência barata. Se quisermos verdadeiramente competir com o primeiro mundo e conseguir autonomia tecnológica não bastarão mentes brilhantes

ÁGUA NA GASOLINA

Uma reportagem recente, que mostrou que as universidades brasileiras estão fora do *ranking* mundial entre as 200 melhores do mundo, apareceu como uma acanhada manchete logo após o carnaval. Com essa classificação, o Brasil passa então a ser o único país do BRIC (grupo formado por Brasil, Rússia, Índia e China, países considerados como economias emergentes importantes) que não conta com uma representação universitária naquela lista. A notícia, embora preocupante, não teve muita repercussão, pois naquele momento competia com o grande destaque recebido por outras reportagens, envolvendo principalmente as escolas de samba, seus desfiles e demais manifestações da temporada.

Mesmo depois da folia, o assunto da exclusão das universidades brasileiras do que chamaremos G200 não ressuscitou, o que não deixa de ser uma reação curiosa dada a importância estratégica desse alerta para a nação. A pesquisa das 200 melhores universidades é organizada anualmente pelo Times Higher Education (THE) e leva em conta vários índices para determinar a posição relativa das instituições acadêmicas. Os índices consideram o ambiente de ensino (30%), a pesquisa científica (30%), o impacto da pesquisa em função das citações geradas (32,5%), a receita originária da indústria (2,5%) e o nível de cosmopolitismo (mistura de nacionalidades entre estudantes e funcionários) (5%). Cada um desses índices foi calculado com base em subdivisões que podem ser apreciadas consultando-se o texto original em inglês (<http://www.timeshighereducation.co.uk/hybrid.sp?typeCode=160>).

Ao final do documento, o editor responsável pela elaboração da pesquisa, Phil Baty, a título de prêmio de consolação, menciona que, embora nenhum país da América Latina tenha conseguido se inserir no G200 em 2010, o Brasil é um bom candidato a ingressar nos próximos anos, e cita a Universidade de São Paulo (USP) como a favorita. O que

não foi dito por Baty é que a USP já fez parte do G200. Em 2008 a USP ocupava o 196º lugar e, em 2007, o 175º. Assim, a julgar pela tendência, as coisas estão piorando.

Por falar em tendências, os resultados do THE contrastam um pouco com o otimismo do relatório elaborado pela Royal Society, que se concentrou no número de publicações científicas de vários países no período de 1996 até 2008. Nesse documento, o Brasil teve um bom desempenho. E, se as projeções desses resultados forem válidas para as próximas décadas, em breve estaremos em pé de igualdade com França, Japão e Reino Unido, só para citar alguns. O problema com as projeções é que o financiamento à pesquisa está sujeito ao sabor dos humores políticos, fato eloquentemente ilustrado pelo corte de R\$ 1,7 bilhão, que acabamos de sofrer. Em outras palavras, com essa decisão o Brasil mostrou que não aposta muito na ciência, ao contrário da Coreia do Sul, que encara o conhecimento como importante ferramenta progressista e, mesmo tendo passado por crises financeiras severas, não parou de nela investir.

Não podemos nos iludir. Não existe ciência barata. Se quisermos verdadeiramente competir com o primeiro mundo e conseguir autonomia tecnológica não bastarão mentes brilhantes. A contrapartida em dinheiro deve andar sempre lado a lado com a formação dos recursos humanos. Mas aí nos lembramos daquela luz amarela acendida pelo THE. De onde virão as mentes brilhantes se nossas universidades se afastam cada vez mais do treinamento de excelência? Se os ministérios da Ciência e Tecnologia e da Educação permanecerem em estado de perene negação e continuarem a atenuar o impacto negativo do pífio desempenho acadêmico com explicações que não contemplam a realidade, talvez seja melhor aceitar que a vocação nacional é mesmo o carnaval. Em doce abandono, continuemos então a dançar na beira do abismo. **CR**

FRANKLIN RUMJANEK

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br